

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA «DR. MENDES CORRÊA»
UNIVERSIDADE DO PORTO
Director — *Prof. Doutor Santos Júnior*

PRÉ-HISTÓRIA DE MOÇAMBIQUE

O QUE ESTÁ FEITO, O QUE PODE E DEVE FAZER-SE

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Prof. de Antropologia da Faculdade de Ciências
da Universidade do Porto



LISBOA
1961



3"631/634"(679)(C
AN

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

PROF. DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO
CHEFE DA MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE

PRÉ-HISTÓRIA DE MOÇAMBIQUE

O que está feito, o que pode e deve fazer-se

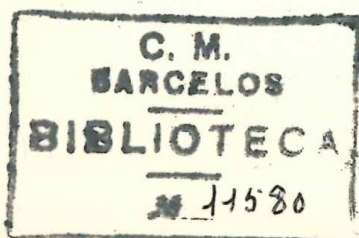
A Missão Antropológica de Moçambique, de que tenho a honra de ser chefe, nas suas 6 campanhas de trabalho de campo pôde percorrer a nossa província do leste africano na sua quase totalidade. Isso nos permitiu uma larga prospecção que, no entanto, está longe de ser aquilo que pode e deve ser. Na vastidão daquele nosso domínio ultramarino e no arredio de muitas das suas regiões, de acesso muitas vezes difícil, há, seguramente, um grande número de estações para descobrir.

Vasta e importantíssima tarefa está ali reservada aos arqueólogos.

É de crer que alguns problemas da pré-história da Africa do Sul, ainda hoje em suspenso, tenham a chave da sua resolução em documentos arqueológicos de Moçambique que dormem na vastidão da savana⁴ das suas planuras, nas grutas, abrigos e cavernas dos seus montes, e nos terraços fluviais das margens dos seus rios.

Impõe-se o estudo amplo e profundo da arqueologia de Moçambique, devido não só a razões de ordem científica, que são óbvias, mas também a razões de ordem política, que são igualmente ponderosas. Lembremos apenas que se realizam periódicamente os Congressos Pan-africanos de Pré-história e Proto-história que têm larga projecção, e nos quais se discutem problemas de grande interesse para o esclarecimento de origens comuns ou afins de grupos étnicos e suas migrações.

É lógico prever que a difusão e a aceitação de certos princípios de ordem social e política se dará tanto melhor quando mais afim for o substrato cultural dos agregados populacionais em contacto, isto é, do agregado que dá e daquele que recebe.



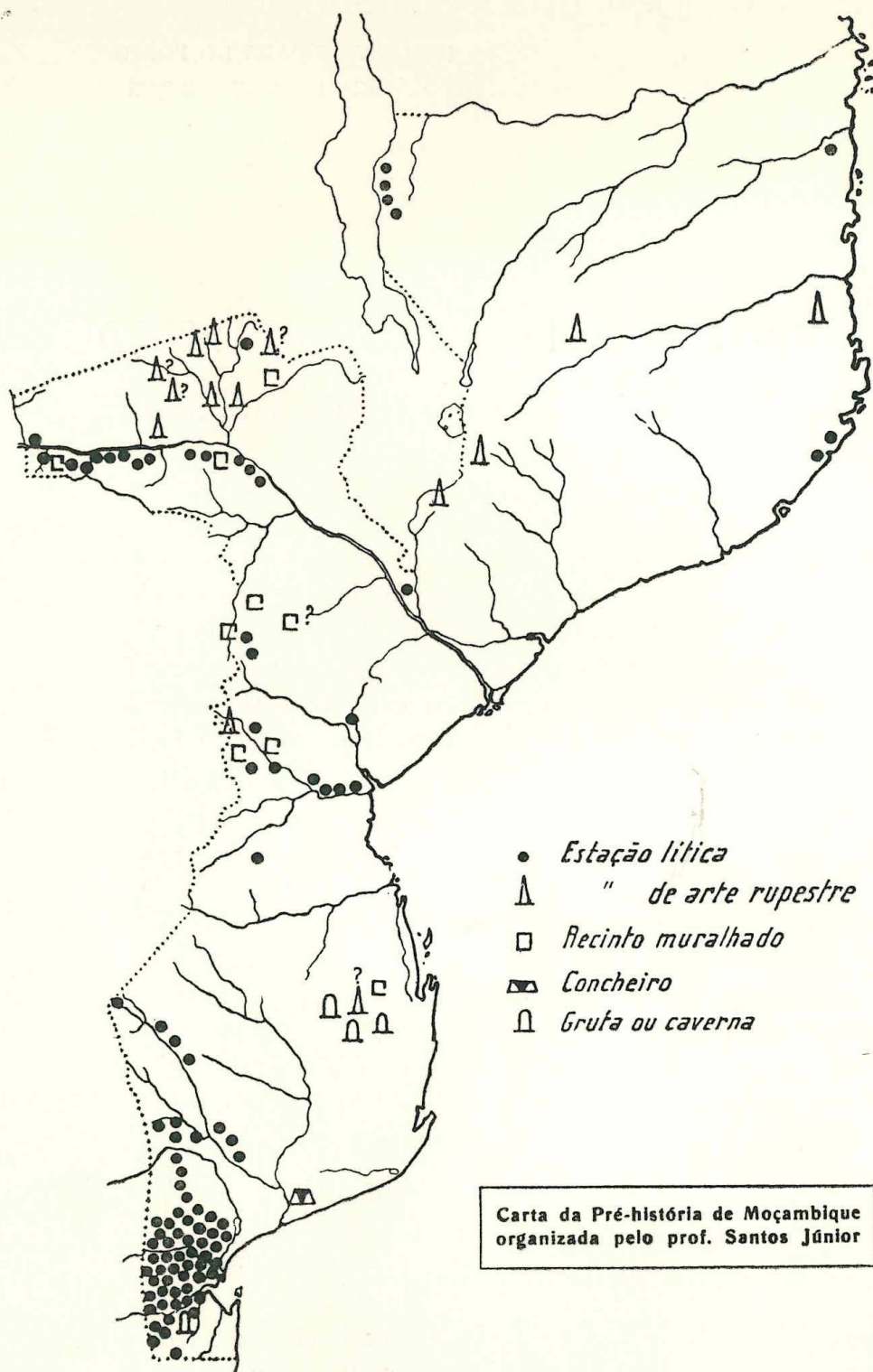


FIG. 1

Carta da pré-história de Moçambique. Os sinais com ponto de interrogação correspondem a monumentos de que nos foram dadas indicações, mas que não pudemos visitar para justa averiguação da sua realidade. O amontuado de pontos negros no extremo sul de Moçambique, próximo de Lourenço Marques, tem em vista realçar o grande número de estações líticas ali existentes, número que é maior do que o dos pontos ali desenhados,

As culturas, como tudo aquilo que é vivo, tiveram a sua evolução, podíamos dizer a sua embriogénese. Serão a pré-história e a proto-história que nos hão-de esclarecer quanto ao passado mais ou menos remoto dum agregado cultural e ao modo como o mesmo evoluciona em atitudes de adaptação às circunstâncias do ambiente total, físico e biológico.

Depois, tidas em conta as actuais condições com seus determinismos, ponderando o sentido e o grau de evolução anterior dum grupo populacional extenso, raça por exemplo, é lícito, partindo do comportamento anterior, inferirmos, senão uma directriz coincidente com o que passou, pelo menos um certo grau de predisposição, ou predisposições, à aceitação de determinadas fórmulas de comportamento social em marcha. Este seria, de algum modo, digamos, o reflexo de estruturas atávicas, predisponentes para evoluir em sentidos se não coincidentes pelo menos concordantes, em seu delineamento geral.

Por isso, parece de vantagem inegável o conhecimento da pré-história e proto-história de Moçambique onde há problemas sociais, religiosos, e de contactos culturais que muito importa estudar em extensão e profundidade.

O espírito individualista ou gregário das civilizações remotas, certos aspectos da sua religiosidade e a maior ou menor rigidez ou plasticidade para aceitar novos moldes da vida, quer individual quer colectiva, podem ser-nos dados pelos estudos arqueológicos.

Daí, repito, o grande interesse e a inegável vantagem de se aprofundarem os estudos da pré-história de Moçambique.

O QUE ESTÁ FEITO:

Graças à dedicação de alguns estudiosos, entre os quais cumpre referir os eng.^{os} Lerenó Barradas, Alexandre Borges, Pires de Carvalho e Bettencourt Dias, e bem assim aos trabalhos da Missão Antropológica, que tenho a honra de chefiar, temos conhecimento de alguns interessantes aspectos arqueológicos de várias regiões de Moçambique, nomeadamente no distrito de Lourenço Marques.

Mercê dos amplos trabalhos de prospecção a cargo da Missão Antropológica, tivemos ensejo de encontrar ou de visitar alguns documentos arqueológicos, tais como recintos muralhados, abrigos com pinturas e estações paleolíticas e mesolíticas.

Com a soma dos elementos de que dispunhamos, elaborámos a carta da pré-história de Moçambique (fig. 1) na qual se localizam as estações de que tivemos conhecimento.

Pela lista bibliográfica que vai em apenso se vê o que se tem publicado sobre tão extensa e tão importante matéria. É pouco para a extensão da nossa província de Moçambique.

O QUE PODE E DEVE FAZER-SE:

Há limitações de ordem material, dentro das quais temos de nos meter, e há limitações no que respeita ao pessoal investigador. Estas ainda de maior peso do que as primeiras.

De qualquer modo, e pelo que respeita a Moçambique, eu e os meus colaboradores, com a experiência de algumas árduas e intensivas campanhas de trabalhos de campo, poderíamos preparar um pequeno grupo de prospectores-colectores.

O Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa» da Universidade do Porto, que tenho a honra de dirigir, tomaria gostosamente este encargo.

Qualquer dos engenheiros atrás referidos, e sobretudo, Lerenio Antunes Barradas ou Bettencourt Dias, poderia tomar o encargo dos estudos da Pré-história de Moçambique.

De qualquer modo impõe-se a organização duma missão com o encargo de estudar a pré-história e a proto-história de Moçambique.

Nesta Missão devia haver três brigadas: uma para estudo das indústrias líticas (o paleolítico moçambicano tem uma extensão enorme), outra para escavações nos recintos muralhados, que deveriam ser considerados monumentos de interesse público, e outra para os importantes e apaixonantes estudos da arte rupestre, pinturas e gravuras, documentos de grande interesse para apreciação de possíveis contactos culturais remotos.

Com um pequeno grupo de prospectores-colectores e com a colaboração dos funcionários do quadro administrativo, onde há muitas pessoas de acentuado grau de cultura e atilado interesse por tudo quanto diga respeito a Moçambique, poder-se-ia, em 2 ou 3 campanhas, fazer uma larga prospecção e abundante colheita de materiais.

Tudo dependerá da estruturação dos serviços, das facilidades e incentivos concedidos e da abolição de peias.

Com uma perfeita organização dos serviços, eis o que poderia fazer-se:

a) — Elaborar uma carta da pré-história de Moçambique :

Uma primeira tentativa fi-la há anos em trabalho que apresentei ao XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências celebrado

em Lisboa, 1950 (1). Propus-me prosseguir na tarefa e fazer um amplo trabalho, de colaboração com o eng.º Lerenó Antunes Barradas, que, como poucos, conhece a pré-história da parte Sul de Moçambique, para o conhecimento da qual contribuiu com importantes descobertas.

Circunstâncias independentes da minha vontade, não permitiram que a minha proposta fosse concretizada.

Dada a quantidade das estações que já se conhecem, muitas das quais se conservam inéditas, na elaboração da nova carta deviam colaborar aqueles que mais se têm dedicado a estes estudos.

Em certos casos, dado o grande número e a proximidade das estações, conviria, a par duma carta geral, elaborar cartas especiais, em maior escala, como por exemplo para as bacias hidrográficas dos rios Limpopo, Incomáti, dos Elefantes e do Alto Zambeze.

Quero crer que os terraços fluviais do rio Búzi, que apenas percorremos numa extensão de alguns poucos quilómetros, quando melhor conhecidos, justificarão igualmente uma carta especial, indicadora das suas estações paleolíticas que devem ser muitas.

b) Elaborar uma lista das estações líticas até agora descobertas:

Nesta lista se daria para cada uma das estações a sua localização precisa (sempre que possível a indicação das respectivas coordenadas geográficas), bem como a indicação dos museus onde estão os respectivos achados.

Desta forma se iniciaria a coordenação dos já abundantes materiais de que até agora há conhecimento.

Isto, de resto, não será mais do que dar realização eficiente a um voto aprovado pelo 1.º Congresso da Sociedade de Estudos da Colónia de Moçambique, realizado em Lourenço Marques de 8 a 13 de Setembro de 1947. Este voto que foi apresentado pelo Engenheiro Bettencourt Dias a seguir à leitura da sua tese *Contribuição para o estudo da Pré-história do Sul do Save*, foi assim redigido: 1.º — *Deve tentar-se a coordenação de todos os elementos dispersos sobre Arqueologia moçambicana, por uma comissão para tal fim congregada e colaborando com a Repartição de Indústria e Geologia.* 2.º — *Deve proceder-se ao mais profundo estudo da formação, evolução ou adaptação, através do tempo e espaço,*

(1) Santos Júnior, *Carta da Pré-História de Moçambique*, actas do XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, 4.ª Secção, tomo V, Lisboa, 1950, pág. 647 a 656, 1 fig.

de qualquer das actividades humanas relacionadas com a Arqueologia desta colónia. 3.º — Organização de um esboço geográfico sobre a Arqueologia pré-histórica abrangendo toda a colónia.

É desnecessário realçar o interesse da realização plena deste voto.

Oxalá que o somatório de circunstâncias necessárias à sua execução se observem no mais curto prazo de tempo possível.

c) — Iniciar a publicação, em pequenas monografias, dos mais importantes e mais característicos materiais :

Neste capítulo há muito que fazer.

Para se ajuizar da extensão e importância da tarefa a levar a cabo, basta dizer que tais monografias dariam a conhecer recintos muralhados ou «zimbauès», grutas ou cavernas, abrigos com pinturas rupestres e as estações líticas, de que há abundância nos terraços fluviais de grande número de rios de Moçambique.

Recintos muralhados há conhecimento de 9 ou 10.

Estou certo de que outros hão-de aparecer. Ainda na 6.^a e última campanha da Missão Antropológica feita em 1955, visitamos, próximo de Vilanculos, um pequeno Zimbauè em ruínas conhecido pelo nome indígena de *Manhècuéne*, que se conserva inédito. Foi descoberto em 1954 pelo distinto administrador Sr. Alberto Rocha e pelo grande proprietário e comerciante de Vilanculos, Sr. Joaquim Alves.

Grutas conhecem-se poucas. As mais importantes devem ser as do distrito de Lourenço Marques descobertas pelo Eng.º Bettencourt Dias. Pelo menos numa delas, informou-me o seu descobridor, deve haver estratigrafia, como pôde concluir por uma rápida e pouco profunda escavação exploradora.

Quanto às pinturas rupestres — um dos mais apaixonantes capítulos da Pré-história sul-africana — Moçambique possui já um lote de estações que lhe conferem, neste particular, um lugar de relevo.

No trabalho *Les peintures rupestres de Moçambique*, que, em 1952, apresentei ao Congresso Pan-Africano de Argel, realcei o facto de algumas das pinturas rupestres moçambicanas, que tivemos ensejo de estudar, constituírem documentos ímpares. Não se conhece além-fronteiras, pelo menos até agora, nada de semelhante às pinturas do Chifumbázi, e, sobretudo, às de Chicolone e às de Riane. O distinto pré-historiador de renome mundial e meu querido amigo Prof. Abbé Breuil, a quem mostrei reproduções e fotografias das pinturas de Riane, foi da minha opinião quando afirmou que não conhecia nada que se lhes pudesse comparar.

Em face do estudo global que fiz das pinturas rupestres da nossa província do leste africano concluí que, quanto à arte rupestre, Moçambique forma uma Província cultural de características bem definidas.

Impõe-se o estudo monográfico de todas as estações conhecidas.

Estou convencido de que muitas outras estações de pinturas rupestres se descobrirão se for feita uma prospecção cuidada. Tenho o sentimento de que, sobretudo no distrito de Tete, há muitos abrigos com pinturas, 10, 15, 20, ou mesmo mais, que, com o tempo, se hão-de vir a descobrir.

Registe-se a circunstância de esses locais com pinturas serem, quase sempre, «Muzimos», lugares sagrados onde os indígenas prestam culto às almas dos seus mortos.

Isto leva os pretos a procurarem, sistematicamente, afastar os brancos desses locais.

Os trabalhos que passei para visitar as pinturas rupestres de Chicolone, onde infelizmente sofri um acidente grave, se os contasse, seriam exemplo flagrante do que afirmo no período anterior.

É minha convicção que, se forem intensificados os estudos da Pré-história, Moçambique poderá fornecer documentos ainda mais importantes do que aqueles até agora descobertos. Tais documentos são fundamentais para o estudo do povoamento da África meridional desde épocas remotas, bem como das relações culturais ao longo dos tempos pré-históricos.

d) — Intensificar em extensão e profundidade as explorações arqueológicas :

Sob certos aspectos não será tão fácil como à primeira vista poderá parecer conseguir uma ampla e perfeita prospecção das estações arqueológicas moçambicanas, sobretudo de algumas delas.

Assim as dificuldades surgem maiores quando junto dos indígenas procuramos informes, especialmente sobre os recintos muralhados ou «zimbauês» e os abrigos com pinturas rupestres.

Como atrás disse, os locais com pinturas, e também alguns recintos muralhados, são *Muzimos*, (1) ou seja, lugares sagrados onde os indígenas vão prestar culto às almas dos seus mortos. Isto os leva a, sistematicamente, afastarem os brancos desses locais.

(1) J. R. SANTOS JÚNIOR, *Alguns «muzimos» da Zambézia e o culto dos mortos*, in «Congresso do Mundo Português», vol. XIV, Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso Colonial (IX Congresso), tomo I, 1.ª secção, Lisboa, 1940, págs. 357-377, 10 figs.

Três exemplos bastam para confirmar esta minha afirmação.

Quando em 1936, na 1.^a Campanha da Missão Antropológica, quis visitar as pinturas rupestres da serra de Chicolone, os pretos da aldeia próxima das minas de Chifumbázi, onde pretendi recrutar carregadores e guias, desapareceram totalmente dum dia para o outro. Ficaram as mulheres, as crianças e o velho régulo. Este deu como explicação que os homens e os rapazes se tinham ausentado para uma grande batida de caça algures, e que demorariam por lá uns dias.

Se no ano seguinte, 1937, quis ir estudar as pinturas de Chicolone, tive de levar do Furancungo, num caminhão, uma dúzia e meia de pretos.

Outro exemplo:

Na campanha de 1946, em companhia do Sr. Pais da Cunha, que fora topógrafo da Missão Geográfica de Moçambique e nos respectivos trabalhos de campo descobrira as pinturas rupestres de Riane, fomos em demanda das mesmas. O seu descobridor desorientara-se na vastidão do mato e já não atinava com o monte de Riame. Um guia preto procurou desviar-nos. Com um pouco de energia, teimosia e sorte, conseguimos dar com as pinturas.

Passado um ano ou dois o Arq.^o Baltasar de Castro, como Inspector dos Monumentos Nacionais, foi a Moçambique e quis ir ver estas pinturas de Riane. Acompanhado por cipais e guias fornecidos pela administração, fartou-se de andar a pé, às voltas, e o que é certo é que não conseguiu que lhe mostrassem as pinturas. Informou-me o Arq.^o Baltasar de Castro que calcula ter andado, em vão, nesse dia os seus 35 a 40 km.

Podia dar mais alguns exemplos demonstrativos do propósito sistemático dos indígenas encobrirem o mais possível os seus *muzimos*, sitios que muitas vezes coincidem com *zimbauès*, ou com abrigos com pinturas rupestres e outros monumentos de interesse arqueológico. Isto prova que a tarefa a levar a cabo apresenta as suas dificuldades e realça o mérito daqueles que vão dando a conhecer determinadas categorias de monumentos arqueológicos.

e) — Protecção e defesa dos monumentos arqueológicos:

Desnecessário seria dizer que alguns monumentos arqueológicos precisam de ser cuidadosamente defendidos da acção devastadora das intempéries e do tempo, que tudo gasta.

Já o III Congresso Internacional de Turismo Africano emitiu um voto para que se protegessem adequadamente as estações históricas e pré-históricas dos territórios africanos. Sobre este assunto, e no que respeita a Moçambique, fiz, em Lourenço Marques, uma exposição ao Direc-

tor dos Serviços de Engenharia. Na troca de impressões havida em longa conferência, combinaram-se as linhas gerais da actuação. O meu ponto de vista, aceite sem relutância, era este: a engenharia devia fazer as obras que a arqueologia julgasse convenientes. Digamos, a mão do engenheiro seria guiada pelo arqueólogo.

A não ser assim, era melhor nada fazer.

f) — *Interesse turístico de algumas estações:*

Como o Prof. Mendes Corrêa disse no seu trabalho *Locais arqueológicos e históricos em África* (1), não haverá conveniência em promover o interesse indiscriminado dos turistas pelos milhares de estações e monumentos arqueológicos existentes em África. O mesmo podemos dizer no que respeita a Moçambique.

Há, pois, que escolher convenientemente os monumentos de maior interesse, e, em estreita colaboração e entendimento com os serviços oficiais e com as organizações turísticas, promover as facilidades de acesso e de visita aos mesmos.

★

Muito se podia dizer sobre a importância dos estudos da Arqueologia de Moçambique.

Mesmo quanto à Arqueologia histórica há alguns aspectos de marcado interesse.

Referirei apenas o facto de o Prof. Mendes Corrêa, com todo a sua autoridade, há anos vir chamando a atenção de quem de direito para a necessidade de estudos arqueológicos da velha e nobre Sofala que a nós portugueses compete fazer, se possível, em colaboração com os arqueólogos sul-africanos.

Como remate podemos dizer que é enorme e muito importante a tarefa a levar a cabo no campo da arqueologia moçambicana.

Nos meus trabalhos *Pré-história de Moçambique*, *On the Prehistory of Moçambique* e *Carta da Pré-história de Moçambique*, aqui e ali, procurei realçar a importância dos estudos da pré-história moçambicana.

(1) MENDES CORRÊA, *Locais arqueológicos e históricos em África*, Relatório e proposta ao IV Congresso de Turismo Africano celebrado em Lourenço Marques, Sep. da «Revista de Guimarães», vol. LXIII, Guimarães, 1953, 6 págs.

Oxalá sejam criadas as necessárias condições que conduzam a plenas e frutuosas realizações.

Oxalá que os poucos que trabalham na pré-história de Moçambique, e dum modo geral na sua Arqueologia, — despidos de mesquinhos preconceitos de prioridade ou de outras naturezas, antes irmanados num justo sentido de cooperação — possam continuar com brilho crescente, na vastíssima e importante tarefa de estudos da arqueologia de Moçambique, onde tantos problemas, tão sugestivos e extraordinariamente interessantes, estão postos em equação e muitos outros se podem prever.

A tarefa a realizar é vasta e será espinhosa, mas é, sem dúvida, do maior interesse científico, não só como contribuição, e valiosa, para o esclarecimento de problemas pendentes na Arqueologia da África do Sul, mas também, e sobretudo, para o melhor e mais completo conhecimento de Moçambique, nossa província do leste africano, porção sagrada do corpo da Pátria, do todo uno e indivisível que é o nosso quase milenário e sacrossanto Portugal.

BIBLIOGRAFIA DA PRÉ-HISTÓRIA DE MOÇAMBIQUE

ALEXANDRE BORGES, *Estação pré-histórica de Mangulane*, «Boletim da Sociedade de Estudos da Colónia de Moçambique», n.º 46, Janeiro de 1943 a Dezembro de 1944, Lourenço Marques, 1944, págs. 39 a 43, 1 mapa e 18 figs.

— *Geologia e pré-história de Magude*, Sep. do «Boletim dos Serviços de Indústria e Geologia», Série de Geologia e Minas — Memórias e Comunicações, Boletim n.º 7, 1944, Lourenço Marques, 1945, 31 págs., 2 mapas e VII Est. com 120 figs.

BETTENCOURT DIAS, *Contribuição para o estudo da pré-história a sul do Save*, Comunicação n.º 13, vol. III das «Teses apresentadas ao I Congresso da Sociedade de Estudos da Colónia de Moçambique», Lourenço Marques, 1948. Apud Simões Alberto, *A pré-história de Moçambique*.

— *Relatório do reconhecimento geo-arqueológico feito na região de Goba, na área entre os rios Umbelúzi e Changalane*. (Inédito). Apud Simões Alberto, *A pré-história de Moçambique*.

BREUIL (ABBÉ HENRI), II parte de *Primeiras impressões duma viagem de estudos arqueológicos no sul de Moçambique*, documentário trimestral «Moçambique», n.º 40, Dezembro de 1944, Lourenço Marques, 1944, págs. 39 a 48, 4 figs. (Do relatório apresentado à Comissão dos Monumentos e Relíquias Históricas de Moçambique, a cujo convite o autor visitou a nossa província do leste africano).

— Parte II, de *First impressions of an archaeological tour of the southern extremity of the colony of Mozambique*, publ. da Comissão dos Monumentos e Relíquias Históricas de Moçambique, Imprensa Nacional, Lourenço Marques, 1944, págs. 19 a 27.

LEITE DE VASCONCELLOS, *Instrumentos pré-históricos da África portuguesa*, «O Archeólogo Português», vol. XVIII, Lisboa, 1913, págs. 174 a 177, 11 figs. As figs. 10 e 11 reproduzem a «aguçadeira de quartzite», da «época neolítica», aparecida na ribeira do Búsi e oferecida pelo Sr. Tenente-Coronel Manuel Teixeira Soares.

LERENO BARRADAS, *Uma estação paleolítica em Magude*, Sep. do «Boletim da Sociedade de Estudos da Colónia de Moçambique», n.º 45, Janeiro a Dezembro de 1942, Lourenço Marques, 1942, 19 págs. e VI Est. com 15 figs.

— *As formações quaternárias do sul do Save e as suas relações com a pré-história*, Sep. do «Boletim da Sociedade de Estudos da Colónia de Moçambique», n.º 47, Janeiro a Dezembro de 1945, Lourenço Marques, 1945, 34 págs., 1 carta e XIX Est. com 48 figs.

— *Origem dos solos quaternários do sul de Moçambique*, «Boletim da Sociedade de Estudos da Colónia de Moçambique», n.º 55, Outubro a Dezembro de 1947, Lourenço Marques, 1947, págs. 197 a 216.

— *Panorama da pré-história em Moçambique*, «Boletim da Sociedade de Estudos da Colónia de Moçambique», n.ºs 57-58, Abril a Setembro de 1948, Lourenço Marques, 1948, págs. 77 a 96.

— *Cronologia das formações quaternárias do sul de Moçambique*, «Boletim da Sociedade de Estudos da Colónia de Moçambique», n.º 60, Janeiro a Março de 1949, Lourenço Marques, 1949, págs. 47 a 58, 2 figs.

LOWE (VAN RIET), *Subsídio para a pré-história de Moçambique*, documentário trimestral «Moçambique», n.º 36, Dezembro de 1943, Lourenço Marques, 1944, págs. 7 a 12.

— *Os antepassados do homem — Progresso da Arqueologia*, Palestra realizada no Salão Nobre da Câmara Municipal de Lourenço Marques, em 19 de Agosto de 1944, sob os auspícios da Comissão de Monumentos e Relíquias Históricas, Documentário trimestral «Moçambique», n.º 39, Setembro de 1944, Lourenço Marques, 1944, págs. 93 a 106.

— I parte de *Primeiras impressões duma viagem de estudos arqueológicos no sul de Moçambique*, Documentário trimestral «Moçambique», n.º 40, Dezembro de 1944, págs. 23 a 37, I Est. com 3 figs. e 1 mapa. (Do relatório apresentado à Comissão dos Monumentos e Relíquias Históricas de Moçambique, a cujo convite o autor visitou a nossa província do leste africano).

— Parte I, de *First impressions of an archaeological tour of the southern extremity of the colony of Mozambique*, publ. da Comissão dos Monumentos e Relíquias Históricas de Moçambique, Imprensa Nacional, Lourenço Marques, 1944, págs. 1 a 17, com 1 mapa.

MENDES CORRÊA, *Pré-história de Moçambique — Um plano de estudos*, «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», vol. XX, Porto, 1936, págs. 155-184, 3 figs.

PERINGUEY (L.), *Our prehistoric stone implements*, «Mozambique Gazette» n.º 1, vol. I, Lourenço Marques, 1912, pág. 10, I Est. com 6 figs. (Este trabalho do Dr. L. Peringuey, Director do Museu de Capetown, foi feito sobre instrumentos líticos achados no vale do Umbelúzi por S. Ryan). Apud Simões Alberto, *A pré-história de Moçambique*.

PIRES DE CARVALHO, *Velha Macequece*, Documentário trimestral «Moçambique», n.º 46, Junho, 1946, Lourenço Marques, 1936, págs. 5 a 71, 35 figs.

SANTOS JÚNIOR, *Contribuição para o estudo da idade da pedra em Moçambique — A estação lítica da Marissa (Tete)*, Documentário trimestrel «Moçambique», n.º 12, Dezembro de 1937, Lourenço Marques, 1937, págs. 95-103, 6 figs.

— *Pinturas rupestres do Chifumbázi*, Documentário trimestral «Moçambique», n.º 13, Março de 1938, Lourenço Marques, 1938, págs. 5 a 19, 8 figs.

— *Pré-história de Moçambique*, «Congresso do Mundo Português», vol. XIV, Memórias e comunicações apresentadas ao Congresso Colonial (IX Congresso), Lisboa, 1940, págs. 309 a 356, 25 figs.

— *On the pre-history of Mozambique*, Documentário trimestral «Moçambique», n.º 28, Dezembro de 1941, Lourenço Marques, 1941, págs. 23-88, 27 figs. e XII Est. com 23 figs.

— *Les peintures rupestres de Mozambique*, Comunicação apresentada ao II^e Congrès Panafricain de Préhistoire de Argel, Setembro-Outubro de 1952, «Actes du Congrès Panafricain de Préhistoire», II^e Session, Paris, 1955, págs. 747-758, 5 figs.

SIMÕES ALBERTO, *A pré-história de Moçambique*, «Boletim da Sociedade de Estudos da Colónia de Moçambique», n.º 68, Janeiro a Março de 1951. Lourenço Marques, 1951, págs. 115 a 152, 5 mapas.

SMUTS (FIELD-MARSHAL), *Climat and man in Africa*, «South African Journal of Science», vol. XXIX, 1932, págs. 98-131.

SMUTS JR. (J. C.), *Stone implements of the E. Limpopo basin*, Royal Soc. of S. A. (apud van Riet Lowe, *Subsídio para a pré-história de Moçambique*).

STAUDINGER, *Funde und Abbildungen von Felszeichnungen aus den alten Goldgebieten von Portugiesich - Sudostafrika*, «Zeitschrift für Ethnologie», Berlim, 1910, págs. 141 a 144, 4 figs.

— *Die erste Inschrift aus den alten Ruinenstalter Südafricas*, «Orientalische Literatur Zeitung», ed. por Pieser, de Königsberg. (Apud. Zeitschrift für Ethnologie, 1896, pág. 917).

WAYLAND (E. J.), *Notes on the occurrence of stone implements in the province of Mozambique*, «Man», n.º 57, Londres, 1915. (Anal. por M. Boule em L'Anthropologie, t. XXVIII, Paris, 1917, pág. 451).

WELLS (L. H.), *Relatório sobre objectos encontrados em restos de cozinha perto da foz do Limpopo*, Documentário trimestral «Moçambique», n.º 36, Dezembro de 1943, Lourenço Marques, 1943, págs. 13 a 23, 8 figs.

Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, Dezembro de 1958.

(SEPARATA DO VOL. I DO I CONGRESSO
NACIONAL DE ARQUEOLOGIA, REALI-
ZADO EM LISBOA DE 15 A 20 DO MÊS
DE DEZEMBRO DE 1958)

biblioteca
municipal
barcelos



11580

Pré-história de Moçambique